



Imaginários e Saberes na comunicação da memória e identidade da produção de flores para o dia dos mortos pela mulher da Ilha dos Marinheiros¹

Amanda Bleggi²

Carlos Leonardo Recuero³

Escola de Comunicação Social – Universidade Católica de Pelotas

Resumo: O presente trabalho, partindo da obra de autores como John Collier Jr., Luiz Eduardo Robinson Achutti, Margaret Mead e Gregory Bateson apresenta o Projeto Fotográfico Ilha dos Marinheiros, no que se refere à fotografia, etnografia e antropologia. Tem como objetivo utilizar a narrativa visual para demonstrar a função da mulher na produção de flores, na Ilha, para o dia dos mortos.

Palavras-Chaves: Fotografia; Etnografia; Antropologia; Fotoetnografia.

1. Introdução.

O presente artigo propõe, com a utilização da fotografia, um estudo visual antropológico do comportamento das famílias ilhéus, principalmente de seus membros do sexo feminino, no tocante à produção de flores artesanais, que ocorre na Ilha dos Marinheiros, para a comercialização no dia de finados.

Tem por objetivo principal a análise minuciosa da divisão de tarefas, correspondente ao plantio, manutenção, colheita, montagem de ramalhetes ornamentais e venda nos cemitérios, durante todo o período despendido para esse fim.

Põe-se em prática aqui as orientações de John Collier Jr., e de Luiz Eduardo Robinson Achutti⁴, na montagem de uma pesquisa de cunho etnográfico, antropológico e social através da fotografia. Utiliza-se também do pioneirismo de Margaret Mead e Gregory Bateson, na introdução de pranchas fotográficas, conjugadas com texto, para melhor visualização do estudo em pauta.

De fato, a utilização de fotografias e palavras, de forma agrupada, traz uma clareza maior e tornam mais compreensíveis e visíveis os fenômenos sociais analisados,

¹Trabalho apresentado ao XXX INTERCOM Júnior - Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

²Estudante de Graduação da Escola de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - Universidade Católica de Pelotas. Bolsista de Iniciação Científica no Projeto Fotográfico Ilha dos Marinheiros. a.bleggi@hotmail.com

³Fotógrafo e jornalista, mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Católica de Pelotas. Pós-graduado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas, pesquisador do Nupecom (Núcleo de Pesquisas em Comunicação Social da Ucpel) e professor da Escola de Comunicação Social da UCPEL, nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Mestrando em Ciências Sociais pela UFPel.

⁴Professor adjunto do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador do Laboratório de Antropologia Visual e Sonora no Mundo Contemporâneo da Universidade Paris & Denis-Diderot. Doutor em Antropologia pela Universidade de Paris. Mestre em Antropologia Social pela UFRGS. É fotógrafo desde 1975. Criador do termo fotoetnografia na defesa de sua dissertação de mestrado em 1997.



observando-se nas imagens o que muitas vezes tenta-se explicar somente com palavras. (RECUERO, 2006)

Também é finalidade dessa pesquisa demonstrar a importância da fotografia em seus diferentes aspectos documentais. Primeiramente analisando-a como método de estudo etnográfico e depois aplicando as técnicas de antropologia visual, no qual se faz uso de sua capacidade de descrição para retratar todas as formas da realidade. A respeito disso, o pensamento de BOURDIEU (2003), que diz: *”La placa fotográfica no interpreta nada, solamente registra. Su exactitud, su fidelidad no pueden ser puestas em cuestión..”*.

Portanto, o uso da fotografia é algo novo em trabalhos acadêmicos e até de cunho científico. Mesmo o termo fotoetnografia, cunhado por ACHUTTI (1997) diz ser a “fotoetnografia o que compreende a utilização e o domínio da técnica fotográfica com o objetivo da elaboração de textos antropológicos, utilizando-se a linguagem visual”.

Para FLUSSER (1998), a imagem técnica da qual faz parte a fotografia, ‘trata-se da imagem produzida por aparelhos. Os aparelhos são produtos da técnica que, por sua vez, é um texto científico aplicado’. E segundo RECUERO (2003),

Narrar fenômenos sociais através da fotografia é uma coisa relativamente nova. A experiência do projeto fotográfico Ilha dos Marinheiros, apresenta a utilização de método fotoetnográfico em uma comunidade delimitada geograficamente, e parte das experiências referenciais de Bronislaw Malinowski e Gregory Bateson para fundamentar a experiência ali realizada. Assim a narração científica não tem um concorrente, mas ganha um forte aliado que por suas características e peculiaridades pode e deve ser utilizado pra elaborar um texto mais rico e eficiente no estudo dos fenômenos etnográficos.

2. A Ilha dos Marinheiros.

A Ilha dos Marinheiros está à margem oeste da Laguna dos Patos, a 33°00’ de latitude sul e 52°6’ de longitude oeste. Localiza-se a 1.500 metros da cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul. Sua área totaliza de 39,28 km² (fig. 1).



Figura 1 – Localização

É a maior ilha da Lagoa dos Patos. Além de ser muito fértil, é um centro de produção de hortaliças, legumes e coleta de pescados, que são comercializados nas feiras de Rio Grande.

Essa localidade é praticamente isolada do modo de vida moderno. Manteve-se por muito tempo aos moldes da cultura portuguesa, conservando costumes e tradições trazidas, há mais de três séculos, pelos imigrantes da região de Açores, Portugal. No entanto, com a construção da ponte que liga diretamente a Ilha dos Marinheiros ao continente, concluída oficialmente em 2004, nota-se uma perda na identidade cultural desse povo.

Atualmente, residem na Ilha aproximadamente 1324 habitantes, pertencentes a cerca de 350 famílias que se dividem em 445 domicílios (IBGE – Censo Demográfico, 2000). Essa população é dividida majoritariamente entre crianças, adultos e idosos, visto que a maioria dos jovens migrou para o continente em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho. A partir desse fato pode se constatar que a Ilha corre grande risco de no futuro ser abandonada por seus ilhéus, e, juntamente a isso, sua identidade social se perderá.

Nesse contexto, o Projeto Fotográfico Ilha dos Marinheiros tenta recuperar essa cultura e mantê-la viva através de fotografias, evitando com isso seu completo esquecimento.

3. A Produção de Flores, duas narrativas.



3.1. A Tradicional.

A produção de flores é uma alternativa sazonal que incorpora lucros ao restante do orçamento familiar, obtido geralmente com outras práticas agrícolas. A maioria das tarefas exigidas pela produção é relegada a mulher.

Cada plantação chega a preparar, no final do processo de produção, de 1200 a 1800 buquês, destinados a comercialização nos Finados e esporadicamente em outras datas importantes, como no Dia das Mães. Atualmente há também produções menores de flores, que se destinam ao comércio semanal realizados na Feira Livre, em Rio Grande.

As flores cultivadas na maioria das plantações são rosas, margaridas, hortências, escovinhas, palmas, perpétuas, zabumbas, sempre-vivas, cristas-de-galo, junquinhos, cravos, esporinhas, saudades, rapazinhos, jasmims, copos-de-leite, bocas-de-leão etc.

Após a colheita do ano anterior, a terra onde é feita a plantação passa por um período de descanso, em que, ou fica sem germinar qualquer tipo de planta, ou é utilizada para outros tipos de cultivo, como produção de hortaliças em geral. Esse processo permite que os minerais e outros compostos contidos na terra, consumidos pelas flores, sejam repostos, para que ela esteja apta a ser utilizada novamente para a floricultura e gere boas colheitas.

Enquanto a terra está sendo preparada para a plantação seguinte, as raízes de plantas chamadas popularmente de “plantas de batata” (flores cujas raízes são tubérculos), são retiradas da terra e plantadas em viveiros, para gerarem novas mudas. Juntamente a elas, são plantadas sementes de outras variedades de flores. Essas sementes na maioria das vezes são aproveitadas das flores colhidas no ano anterior, no entanto, para não se correr o risco de haver pouca germinação, algumas sementes são compradas.

No início do mês de abril, as mudas são transplantadas para a terra, que já se recuperou da plantação anterior. Dependendo do tempo em que passaram do viveiro, essas mudas variam de tamanho, e se já estão relativamente grandes no momento da mudança, algumas ainda podem ser vendidas no Dia das Mães, que é a data mais comum de comercialização de flores depois dos Finados.

No caso das plantações destinadas a comercialização semanal na Feira Livre de Rio Grande, a terra também passa por um período de descanso. Apesar de produzir o ano inteiro, as variedades de flores são intercaladas de tempos em tempos. Assim, os



minerais e outros compostos consumidos por uma espécie de flor se recompõem no período em que outra espécie será plantada no lugar da primeira.

Todas as plantações se dão ao ar livre. Durante todo o tempo de pesquisa, não houve registro de estufas na Ilha. Uma curiosidade sobre o sistema hidráulico local é que a Ilha tem o formato de uma “rosquinha”, tendo no centro um buraco com água doce. Antigamente, essa água era aproveitada para várias atividades, podendo também ser bebida, pois era potável para consumo humano. No entanto, com a desculpa de evitar a moção das dunas para a área habitada da Ilha, foram plantadas árvores do tipo *Pinus*, que acabaram poluindo a água doce local. Dizem alguns ilhéus que a real intenção da empresa que plantou essas árvores era futuramente cortá-las e comercializá-las, porém, elas cresceram em grande proporção, e pouco foi feito para retirá-las de lá antes que o dano maior ocorresse.

A irrigação das flores é feita através de canaletes que ligam o centro da Ilha até as plantações. Apesar da água não mais ser potável para consumo humano, ela ainda pode ser aproveitada para manter úmida a terra da lavoura.

Durante o período em que as plantas florescem, as mulheres são responsáveis pelos cuidados com a plantação. Se algumas flores morrem, ou estão com uma aparência feia, são elas que tem o trabalho de arrancá-las, para sempre dar lugar às novas que nascerão mais bonitas e vistosas. Já que o cultivo se dá em estações de alto índice de chuvas, os canaletes tendem a juntar grande número de folhas, que dificultam a passagem de água para a irrigação. Cabe as mulheres a limpeza dessas valas, que é feita com instrumentos tipo ancinhos.

No dia 30 de outubro começam os trabalhos de colheita. As flores mais resistentes como as sempre-vivas são colhidas primeiro. A estocagem é feita em galpões, muito comuns na Ilha, enquanto outras flores são colhidas. Rotineiramente os ilhéus tem por hábito acordar muito cedo. No decorrer da pesquisa, várias pessoas entrevistadas comentavam que tinham o costume de acordar entre cinco e seis horas da manhã para começar na lida da casa e da lavoura. No período de colheita não é diferente.

Antes do sol nascer as mulheres já estão em atividade. No segundo dia de colheita continua-se a colher as flores mais resistentes e começa-se a montagem dos buquês.



No dia 1º de novembro a atividade se intensifica, podendo-se aceitar a ajuda dos homens para uma melhor dinâmica na colheita. Enquanto algumas pessoas continuam a colher, as mulheres, e somente elas, se reúnem nos galpões para a montagem dos buquês, feitos com as flores mais frágeis, recém colhidas.

Antigamente durante a montagem dos ramalhetes, as mulheres de mais idade conversavam e passavam ensinamentos para suas filhas e netas, que também estavam no galpão ajudando no serviço. Todo o tempo que passavam realizando essa atividade era de grande crescimento na vida das mais jovens. Além de aprenderem a arte de lidar com as flores, aprendiam sobre a história das mulheres que lhes falavam, sobre a cultura de seus antepassados e do lugar de onde vinham. Os homens não são bem-vindos nesses momentos, e quando entram para descarregar mais um caixote ou carrinho de mão cheio de flores, o assunto cessa até que as mulheres se sintam novamente a vontade para continuar a conversa.

Segundo AZEVEDO⁵ (2003),

essas flores eram arrumadas em buquês de costas, com as flores viradas todas para um lado só e em forma de triângulo. Para encher utilizavam-se os afeitos, palmas que eram colhidas no capão ou nas proximidades das cercas de bambus.

Outros métodos são utilizados na ornamentação dos ramalhetes, como nos buquês redondos, em forma de cone, onde as flores mais altas ficavam no centro do arranjo e eram enfeitadas com afeitos e uma espécie de folha verde e amarela.

Também é utilizado o pó de alumínio para enfeitar o treme-treme. Os buquês eram amarrados com fios de saco de aniagem, que era posto encima da perna e conforme o arranjo estava pronto para ser preso, o saco era desfiado, liberando o fio que era amarrado em torno do ramalhete.

Durante esses dias os galpões ficam cheios de balaies de flores, o chão é forrado de macega, onde as mulheres se sentam para fazer o trabalho. No final do dia, a espessura das folhagens no chão faz com que cada passo dado dentro do galpão seja uma tarefa árdua de se realizar, o pé afunda no meio de flores amassadas e folhas úmidas, e o equilíbrio exige concentração.

⁵Anna Lúcia Dias Morrisson de Azevedo. Autora do livro A Ilha dos Três Antônios.



No dia 2 de novembro, dia dos Finados, todos se levantam muito cedo, mais que o normal. Vê-se movimento a partir das quatro horas da manhã. A medida que os buquês são arrumados, são cuidadosamente colocados em cestos de vime (produzido também por ilhéus), caixotes e engradados. Assim, no último dia do processo de produção de flores, o trabalho de transportar os buquês fica a cargo principalmente dos homens, que têm mais força e estão mais aptos ao serviço braçal.

Dos galpões os buquês são carregados até os trapiches da Ilha, onde estão amarrados os barcos de médio e grande porte, de posse da própria família produtora das flores ou alugados por outros ilhéus. Nos barcos os caixotes e cestos são meticulosamente encaixados para haver o mínimo de estrago possível nas flores. Esse processo de arrumação vai até aproximadamente sete horas da manhã.

Dos trapiches os barcos seguem rumos diferentes. A Ilha não possui um cemitério, portanto a venda dos buquês é feita no de Rio Grande e no de São José do Norte, outra ilha próxima.

A travessia até Rio Grande dura aproximadamente trinta minutos. Lá no porto, geralmente já está a espera algum charreteiro, anteriormente contratado, que fará o transporte das flores até o cemitério. Novamente os cestos são organizados cuidadosamente para não serem danificados no trajeto.

Chegando ao cemitério, uma nova etapa começa. A montagem das bancas. As ruas laterais ficam tomadas de lonas e armações que rapidamente vão adquirindo a forma pequenos bazares improvisados. A prefeitura cobra dos vendedores por banca, então se aproveita o melhor possível do espaço alugado, e quem chega primeiro pega os melhores lugares.

Enquanto os arranjos são vendidos, outros são montados na hora, ou porque o tempo não permitiu que fossem feitos na Ilha, ou são construídos para repor os que já foram comercializados. Alguns outros ainda são feitos a pedidos, mas isso não é muito comum.

Ainda no início da manhã já está tudo pronto. Observa-se as variações de público no passar do dia. Os primeiros a chegar geralmente são pessoas de mais idade. Vêm prestar suas homenagens aos que já se foram, e por não terem mais toda a vitalidade de uma pessoa jovem, evitam os horários de maior circulação do público, podendo assim também ter mais privacidade no momento em que estão à frente do túmulo que foram visitar.



Já no final da manhã, o cemitério é tomado por pessoas de todas as idades, sendo também muito comum crianças passarem correndo com baldes, panos e outros materiais de limpeza, oferecendo aos berros serviços para os que não se dispõem a fazê-lo. Os que dão mais valor ao motivo do dia fazem pessoalmente a limpeza dos túmulos, e o fazem com muito gosto.

Na parte da tarde o evento se torna quase uma atração turística. Pode-se ver circulando pelo cemitério casais passeando, tomando chimarrão e observando o movimento, enquanto seus filhos correm em meio aos túmulos.

Os preços dos buquês também variam de acordo com a hora do dia. Dependendo do público, os preços sobem ou descem. Nas primeiras horas, em que o público é formado principalmente por idosos, os preços são mais baixos, os buquês mais simples custam aproximadamente R\$3,00. Já nas horas em que o público é considerado turista, os preços sobem, e o mesmo buquê custa em torno de R\$5,00.

Depois de um dia cansativo de vendas, as barracas são desmontadas, os arranjos que não foram vendidos retornam à Ilha e são geralmente jogados ao mar e a produção de flores daquele ano é dada por encerrada. Os lucros de um bom dia de vendas ficam em torno de R\$4.500,00 mas nem todos tem experiência no comércio e são poucos os que conseguem tirar grandes quantias de dinheiro em um único dia.

3.2. Outra maneira de contar.











PRANCHA I

- 1.Plantação de cristas-de-galo.
- 2.Plantação de dalias.

PRANCHA II

- 3.No canto superior esquerdo vê-se o galpão onde são montados os buquês.
- 4.Plantação de bocas-de-leão
- 5.O homem na chuva trabalhando.
- 6.Ainda o homem, no canto superior esquerdo, colhendo.
- 7.As mulheres no galpão trabalhando.
- 8.As mulheres conversando espontaneamente.
- 9.As flores em um caixote, recém colhidas.
- 10.Copos-de-leite em um carrinho de mão, recém colhidos.

PRANCHA III

- 11.As flores no chão, sendo escolhidas para os buquês.
- 12.As flores sendo acomodadas no cestos de vime.
- 13.A mulher ainda colhendo flores ao longo do dia. (Foto: Carlos Recuero)
- 14.O homem carregando o cesto de vime com buquês. (Foto: Carlos Recuero)
- 15.A mulher no galpão trabalhando. (Foto: Carlos Recuero)
- 16.A mulher fazendo buquês. (Foto: Carlos Recuero)
- 17.A senhora escolhendo as flores. (Foto: Carlos Recuero)
- 18.Flores recém colhidas, ainda soltas em um cesto. (Foto: Carlos Recuero)

PRANCHA IV

- 19.A mulher dando acabamento no buquê. (Foto: Carlos Recuero)
- 20.O homem admirando o trabalho feito pela mulher. (Foto: Carlos Recuero)
- 21.Na manhã do dia dos Finados, os cestos sendo arrumados no trapiche.
- 22.O homem organizando os cestos no barco.
- 23.O barco partindo carregado para a cidade. (Foto: Carlos Recuero)
- 24.Os cestos sendo descarregados no porto de Rio Grande. (Foto: Carlos recuero)
- 25.A mulher arrumando a barraca no cemitério. (Foto: Carlos Recuero)
- 26.A criança observando a mãe organizar os arranjos para a venda. (Foto: Carlos Recuero)
- 27.O homem comprando da mulher na banca. (Foto: Carlos Recuero)

01	02	
03	04	
05	06	
07	08	
09	10	
11	12	
13	14	
15	16	
17	19	
19	20	
21	22	
23	24	
25	26	27



4. Considerações Finais.

A presente pesquisa - Imaginários e Saberes na comunicação da memória e identidade da produção de flores para o dia dos mortos pela mulher da Ilha dos Marinheiros – tem por objeto de estudo o cultivo de flores na Ilha dos Marinheiros. Essa atividade ocorre durante praticamente todos os meses do ano, se dividindo entre semeadura, cuidados no crescimento da flor, colheita, produção ornamental de arranjos e venda nos cemitérios no dia dos Finados, sendo intensificada nos meses de abril a outubro e tendo fim no início de novembro.

Apesar de ser um dos principais objetivos da pesquisa, muito pouco se descobriu sobre o que era conversado nos galpões durante a montagem do buquê. Além de o tempo não ter sido suficiente para a coleta desse tipo de informação, são poucas as mulheres ainda residentes da ilha que tem esse conhecimento. Muitas já faleceram pela idade ou mudaram para a cidade.

O Projeto Fotográfico Ilha dos Marinheiros foi criado em 1999 e consiste no exercício da fotoetnografia sobre a população insulana. É desenvolvido por alunos da Escola de Comunicação Social (ECOS) da Universidade Católica de Pelotas, com a orientação e coordenação do Prof. Ms. Carlos Leonardo Recuero.

O Projeto conta com o apoio cultural da Academia Sportdata, do Banrisul e da Empresa Expresso Embaixador, que cede aos integrantes, passagens cortesia em todas as viagens para a Ilha. Também apóiam o Projeto a Escola de Comunicação Social e a Universidade Católica de Pelotas, que cede o laboratório fotográfico para revelação e ampliação das fotografias, assim como material para que essas sejam realizadas.

Esse é o primeiro ano que se pesquisa a produção de flores na Ilha como objeto específico, e se recebe uma bolsa de iniciação científica para isso. É graças ao empenho desse grupo de alunos voluntários e interessados na iniciação científica, a obtenção do material para a documentação fotoetnográfica feita por eles e os estudos bibliográficos e científicos, que esse artigo pôde se concretizar.

O projeto encontra-se em andamento e a pesquisa está na sua fase inicial, embora os dados já coletados em trabalhos anteriores sirvam de parâmetro para elaboração deste artigo que será apresentado no XXX INTERCOM, qualquer conclusão seria precipitada e leviana.

Porém, se tem uma certeza: a fotografia contemporânea da antropologia, proporciona descrever as observações etnográficas com mais riqueza que o tradicional



caderno de campo, e ambos juntos nos fornecem um texto muito mais rico e eficiente para os estudos de outras culturas.

11. Referências Bibliográficas

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia, Um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca/Tomo Editorial, 1997.

_____. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Livraria Tomo Editorial/UFRGS editora, 2004.

ALVES, André. *Os Argonautas do Manguê*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

AZEVEDO, Anna Lúcia Dias Morrison. *A Ilha dos Três Antônioos*. Portugal: Editora Jornal Soberania do Povo, 2003.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, Pierra. *Um Arte Médio. Ensayo sobre bs usos sociales de la fotografia*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2003.

COLLIER Jr., John. *Antropologia Visual: A Fotografia como Método de Pesquisa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

FLUSSER, Vilém. *Ensaio sobre a fotografia. Para uma filosofia da técnica*. Portugal: Editora Relógio D'Água, 1998.

RECUERO, Carlos L. C.. Fotografia: contraponto entre narração da realidade e sua compreensão. *Faro Revista Teórica del Departamento de Ciências de la Comunicacion y de la Informacion*, Valparaíso, v. 03, n. 200, p. 03-09, 2006.

_____. O Uso da Imagem fotográfica em trabalhos etnográficos. *Signo Latinoamérica*, Uruguai, v. 01, p. 01-03, 2006.

_____. O Uso da Imagem Fotográfica em Trabalhos Científicos. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 15, p. 1769-1924, 2006.

_____. Ilha dos Marinheiros: Um estudo etnofotográfico para construção da identidade social. *Ecos Revista*, Pelotas, v. 10, p. 197-214, 2006.

_____. Caleidoscópio Insular da Ilha dos Marinheiros na Lagoa dos Patos, Uma abordagem pelo Método de Bateson e Mead, na produção de flores para finados, pelos Ilhéus. *Faro Revista Teórica del Departamento de Ciências de la Comunicacion y de la Informacion*, Valparaíso, v. 01, n. 02, 2005.

SAMAIN, Etienne, *O fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998

SOTANG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Arbor, 1981.